IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

SER CRIANÇA IMENSIDÃO: DEBATES SOBRE GORDOFOBIA E AS INFÂNCIAS A PARTIR DO FEMINISMO DECOLONIAL

Eixo Temático 15 – GÊNERO E SEXUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR COMO RESISTÊNCIAS INVENTIVAS: O QUE PODE O "CHÃO DA ESCOLA"?

Rosa da Costa Gato Neta [1]

RESUMO

O presente trabalho objetiva desvelar as problemáticas que interditam a infância dos corpos gordos, sendo estes, vistos como espaço público, onde perdem seus direitos de ser e viver uma infância digna. Dentro dessa perspectiva, resultante de uma pesquisa bibliográfica, as reflexões aqui apresentadas buscam compreender como a gordofobia se apresenta na infância, entendendo-a como um preconceito estrutural, enraizado na sociedade a partir da noção patologizante da colonialidade da saúde. A base epistemológica utilizada nesse estudo, foi o Feminismo Decolonial, com intuito de verificar as investidas coloniais presentes na noção de desenvolvimento humano, que segue um viés euronortecêntrico que tende a singularizar as infâncias e suas experiências.

Palavras-chave: Infâncias, Gordofobia, Corporalidades Gordas, Feminismo Decolonial, Inclusão Escolar.

Introdução

As infâncias são acompanhadas por indivíduos e/ou comunidades que singularmente se apresentam enquanto ponto inicial para as descobertas do mundo. Os olhos brilham, os braços pedem aconchego, a boca se movimenta juntamente com o seu todo, que chamamos de corpo. Nesse processo contínuo, a cada tentativa feita para conhecer o funcionamento do seu corpo, incluindo os seus significados biológicos e culturais, desencadeiam-se esclarecimentos e dúvidas inusitadas a seu respeito (Sant'Anna, 2000, p. 237).

[1] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, psicorosaneta@gmail.com;

No desvelar do mundo para esse sujeito que está após dia descobrindo e diferenciando cores, sabores, texturas e sons, em sua unicidade, começam às estruturações de seus conhecimentos. Ademais, somos também ensinados sobre as diferenças. Em uma lógica urbana, o ensinamento recaí pelo viés binário, entre bom versus ruim, entre bem e mal, entre doente e saudável. É neste momento, onde os inúmeros aprendizados encontram a infância, que se faz importante, compreender como os corpos gordos, que sempre foram colocados à margem, percebem a relação que construíram com nossos corpos, sabendo, que diante as investidas coloniais, olhar para o outro, falar do outro e classificá-lo, é uma das formas que a colonialidade tem se fortalecido e reforçado as divisões, bem como, os processos segregatórios que acompanham as patologizações de tudo o que é considerado "anormal", "diferente", "imenso".

Assim, ser criança imensidão é muito mais que simbólico, é uma experiência vivida por muitos que, desde seus anos iniciais, foram lembrados que só seriam abraçados, beijados, desejados, respeitados se fossem magros. Com isso, a gordofobia estrutural acaba por tecer fios que podem ser entendidos como uma preocupação ou uma busca pelo corpo "saudável", bom e exemplar. A criança, imersa nesse processo começa a ter em seu desenvolvimento a crença de um corpo único a ser aceito, ligado a um modelo rígido, erroneamente associado a um suposto autocuidado.

Para Flávia Novais e Paula Machado (2021), a gordofobia é um preconceito social, estrutural e colonial, um movimento fortalecido na lógica ocidental, que tende a operar no cotidiano de pessoas gordas. Desta maneira, a Gordofobia está inteiramente conectada com outros sistemas violentos, em que:

> "A gordofobia define-se como opressões vividas por pessoas no decorrer de suas vidas, o que leva a uma série de impedimentos por falta de espaços que comportem seus corpos em transportes públicos, áreas de convivência, salas de aula e, também em espaços nos quais exerceriam o cuidado em saúde, pela falta de equipamentos médicos, macas, cadeiras em salas de espera, equipamentos de exames, dentre outros" (Novais & Machado, 2021, p. 4)

Desta maneira, existe a necessidade de ampliarmos as ações e discussões antigordofóbicas em diversos espaços, principalmente nos ambientes escolares, buscando fortalecer a autonomia, o reconhecimento e valorização das corporalidades gordas na infância.

Metodologia

O presente estudo, teve como objetivo geral, desvelar as problemáticas que interditam a infância dos corpos gordos, sendo estes, vistos como espaço público, onde perdem seus direitos de ser e viver uma infância digna. Para tanto, utilizaremos dos aparatos da pesquisa qualitativa, com intuito de trabalhar com a pluralidade de significados, motivações, crenças e atitudes, correspondendo, assim, com o mais profundo das relações (Minayo, 2001 apud Gerhardt, Silveira, 2009).

Ademais, utilizou-se também da pesquisa bibliográfica como ferramenta de coleta e análise de dados com a finalidade de verificar a produção científica acerca do tema aqui abordado. Colaborando para uma análise mais criteriosa, foram realizadas pesquisas nas plataformas Lilacs, Capes, Pepsic e Scielo, espaços esses que são amplamente utilizados para publicações acadêmicas. Para análise dos materiais encontrados, usamos como base epistemológica as contribuições do feminismo decolonial, buscando compreender as articulações coloniais que se fazem presentes nas formações sobre as corporalidades, as divisões binárias e a lógica médicocentrada e sobre tudo o que está fora da lógica euronortecêntrica.

Referencial Teórico

Historicamente, o corpo é visto sob a lente dos processos sociais e coloniais, que marcam cada contexto, época, organização. Assim, diferentemente das décadas de 1960 e 1970 onde o corpo gordo era significado de status sociais, de fartura e riqueza, temos o contexto atual, trazendo consigo a riqueza e o acesso a partir de corpos afunilados, pequenos, “orgânicos” e padronizados. (Sant’Anna, 2016; Novais, 2021; Bispo dos Santos, 2023). Nesse sentido, a existência de uma crença em relação à preocupação do peso, da beleza universal e o desejo do corpo magro são características unicamente da cultura ocidental.

No livro “Gordos, Magros e Obesos: uma história de peso no Brasil”, a historiadora Denise Sant’Anna (2016) nos apresenta a maneira como a infância era tratada entre as décadas de 1930 e 1940, quando os concursos de robustez e beleza infantil teve um apogeu. “Centenas de bebês e crianças foram considerados os

verdadeiros representantes do futuro nacional. O mito estava em seus diminutos corpos que deviam espelhar vigor e saúde" (Sant'Anna, 2016, p. 59). Entre concursos, suplementos alimentares e comerciais de produtos infantis, o corpo gordo de crianças na sua maioria, de crianças brancas do contexto urbano, eram fixadas como sinônimo de saúde e beleza.

Esse cenário só começa a ter mudanças significativas com o aumento de estudos acerca da Obesidade e da nutrição infantil, no Brasil, com a inserção do Código de Menores criado pelo governo brasileiro em 1927. Dentre essas e outras ações que começam a ser realizadas com foco no peso das crianças, percebe-se a implementação de ferramentas, procedimentos e práticas no contexto médico e, posteriormente, nos espaços escolares. Assim, Valdelice Souza e Josiane Gonçalves (2021) comentam que:

> "A escola faz parte de um segmento social, a qual engloba a construção simbólica corporal, fazendo com que o ser humano crie uma percepção de si a partir deste quesito. A escola pode ser entendida como um ambiente histórico e dinâmico, apto a transmitir representações e produções de pensamentos humanos que estão em constantes mudanças, como no caso, em ações gordofóbicas". (nome & nome, 2021, p. 9)

Nesta perspectiva, o desenvolvimento humano que direciona áreas como a Psicologia na percepção das infância, desconsidera (em muitos casos) os processos interseccionais que atravessam o ser criança. Com regras, estudos e bases estadunidenses, aplicadas ao contexto brasileiro, invalidam as formativas subjetivas, identidades, experiências, culturas, territórios e cosmovisões dessas infâncias e de seus grupos. Ademais, podemos observar que seguindo esta lógica, a universalização dos cotidianos e indivíduos, corrobora para que as infâncias, em muitos casos, se aproximem com seus corpos de uma forma negativa, no que diz respeito à consciência corporal e emocional de si próprio.

Ana Pinheiro (2018, p. 12) comenta que para Peter Berger e Thomas Luckmann (2000) a identidade é formada a partir das representações e construções do eu como um sujeito singular, partindo de processos sociais, transformados ou modelados, sob a sociedade que está inserido. Nesse caminho, as mudanças históricas estão entrelaçadas com as construções individuais. Entende-se que tais formações subjetivas tendem a serem repassadas de uma geração para a outra, seguindo um modelo ideal a ser

alcançado, com o intuito de se aproximar da perfeição que a antiga geração não conseguiu.

Nesse ideal estrutural, podemos analisar as formas que são passadas para as crianças: o “corpo bonito”, “saudável” e aceito em seus grupos sociais. Desde pequena, essa pessoa passa a entender que existe uma diferenciação entre o corpo gordo e o corpo magro, sendo eles ligados diretamente às relações com a comida e com os cuidados de si. Nesse emaranhado de experiências que o corpo gordo sente e vivencia, vai sendo apreendida uma linguagem incompreensível e divergente de suas emoções. O contato afetivo distancia-se e a percepção de si mesmo vai ficando em segundo plano, pois o primeiro está posto enquanto local para ser despejado uma insatisfação consigo, internalizando uma culpa irreal e um peso que não é corporal, mas sim emocional e afetivo.

Resultados e Discussão

A infância, que poderia ser vislumbrada enquanto um momento de contato singelo, de aprendizagens benéficas e empáticas, é deixado de lado por uma infância que precisa seguir os modelos adequadamente aceitos por grupos sociais opressores e rígidos. Ainda é importante nos questionarmos se esses tipos de atitudes poderiam ser vistos como educativos ou agregadores para um processo de desenvolvimento. E, como fruto de uma existência meticulosamente e continuamente empurrada para o centro da sociedade, vidas vão sendo violentadas, emoções vão sendo invalidadas e pessoas vão internalizando que o corpo precisa estar para o outro, distanciando-se de si próprio, deixando o sujeito à mercê de uma vida limitada, fixa e orientada pelo externo.

Neste lugar, Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2020) nos sinaliza sobre as maneiras que o corpo é visto, percebido e organizado na lógica ocidental colonial. Para a autora, as sociedades ocidentais se centralizam na visão do colonizador, uma visão que tenta incessantemente inserir na formação dessas corporalidades, deixando seus lastros coloniais. Com isso, no momento em que a colonialidade fornece as divisões binárias, o corpo é usado como ferramenta. Seguindo essa lógica, entender como as violências gordofóbicas atravessam as formações identitárias e subjetivas das infâncias, é compreender antes de tudo, como as artimanhas coloniais fornecem e fortalecem a visão do corpo, sob os aparatos da saúde versus doença, da beleza versus feiura, da

mobilidade e disposição versus pureza e desejo, sensatas e tantas outras noções, que o padrão corporal, moldado nas ações gordofóbicas, que tentam transmitir para crianças e adolescentes as necessidades de ter seus corpos dentro do aceitável socialmente estabelecido.

Diante de tudo isso, os processos sociais e psicológicos, dentro de uma sociedade individualista e superficialmente empática, distribuem aos seus habitantes, manuais que se colocam como normalizadores do ser. A valorização de uma infância normal, magra, inteligente e silenciada cresce diariamente a partir das práticas reducionistas, comparativas e violentas que muitas crianças passam. Longe de serem vistas como diferenciadas e singulares, as crianças sentem o eco da vida meramente universalizada e eurocentrada, colonizada e comparada sempre pelo viés urbano, sem considerar as interculturalidades, seus conhecimentos e as maneiras pelas quais, as comunidades que estão inseridas compreendem, percebem e formam as corporalidades.

Considerações Finais

Considerando todo esse caminho percorrido, o presente trabalho buscou refletir como a gordofobia vai sendo sentida e reproduzida, desde a infância, tanto consigo próprio quanto com as pessoas que estão em seus grupos sociais. Nesse entrelace, é preciso mencionar, que o Estado tem uma parcela significativa em tal estruturação, experimentação e compreensão acerca dos conceitos e validações de si e do outro, bem como, das criações e implementações a nível de Políticas Públicas para a população de pessoas gordas, que são basicamente voltadas para o processo de emagrecimento e com a realização de cirurgias bariátricas.

Desta forma, em uma sociedade que paradoxalmente centraliza corpos, afetos e poderes, nada mais interessante se o início da adoração por um modelo de ser humano único e universal, seja fortalecido desde os anos iniciais, dentro principalmente do grupo familiar. Ainda, é necessário que seja comentado sobre o paradoxo da sociedade ocidental eurocentrada, que se esquiva do peso do corpo, da gordura e da margem, mas que tenta aproximar-se cada vez mais do peso material, capital e sistemático. Dentre todas essas aproximações e distanciamentos, o Estado fortalece estruturalmente meios para que a sociedade centrada consiga seguir as regras impostas e que as pessoas que destoam, que ficam na margem, recolham-se para não mostrarem a possibilidade de

sentir, amar e entender seus corpos para que possam reestruturem-se para serem empurrados novamente para o centro.

Nesse sentido, foi necessário a visualização do caminho percorrido pela gordofobia, dos processos vivenciados dentro das infâncias, assim como suas relações. Dito de maneira mais pontual, as formas de exercer práticas antigordofóbicas como parte significativa do desenvolvimento infantil parte de ações e discussões dentro de todos os ambientes em que a criança e seus cuidadores façam parte.

Para além do ensino escolar, é interessante sugerir a inclusão de tais temáticas em contextos mais amplos como nas práticas e políticas de saúde, de acessibilidade, das produções alimentícias, de vestimentas e midiáticas, tendo em vista que a vivência precisa centralizar-se não no modelo socialmente aceito, mas sim nos processos singulares que as crianças estarão experimentando, entendendo esse corpo não apenas como um espaço de movimento corporal, questões biológicas e químicas, mas, principalmente, como um local político, social e afetivo.

Referências

ASSIS, Simone Gonçalves de; AVANCI, Joviana Quintes. Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e adolescência. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

NOVAIS, Flávia Luciana; MACHADO, Paula Sandrine. Racializando as discussões sobre diversidade corporal e movimentos anti-gordofobia. In: Fazendo Gênero 12, 2021, Florianópolis, **Anais [...]**. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613695381_ARQUIVO_fbe4d287191975211b70e9d45ae5a56f.pdf

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org). *Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. pp.82-95.

PINHEIRO, Ana Beatriz Teixeira. GORDINHA NÃO TEM VEZ: problematizando a gordofobia e as consequências no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/203579

SANT'ANNA, Denise. Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade. 2016.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. GORDOFOBIA NO ESPAÇO ESCOLAR: uma análise histórico-cultural. Revista Ciências Humanas, *[S. l.]*, v. 14, n. 1, 2021. DOI: 10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a701. Disponível em: https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/701